

# Apoena tem estratégia para resolver questão de Lourdes



A solução para os índios vai ser rápida, promete a Funai.

O sertanista Apoena Meireles, que na última quarta-feira assumiu a direção da Delegacia da FUNAI em Porto Velho, definiu ontem à TRIBUNA a estratégia a ser adotada para a solução do problema existente na área indígena de Igarapé Lourdes, invadida por colonos: — Você não pode resolver uma coisa criando outro problema. Lá existe um problema social, dos índios e dos colonos. Deverá haver uma ação conjunta entre o INCRA, o Estado e a FUNAI. Vamos visitar a área e depois manteremos contato com a Presidência da FUNAI em Brasília, que naturalmente vai manter contato com o INCRA e o Governador do Estado. Então, começaremos o trabalho de retirada dos colonos, de maneira conjunta.

A poena seguiu ontem para o Parque do Aripuanã, após o quê, deverá ir à área de Igarapé Lourdes. Em Rondônia, antes mesmo de assumir a Delegacia, já estiveram na frente de atração dos índios Uru-Eu-Uau-Uau e na Ajudância de Guajará Mirim.

— Estamos reconhecendo o terreno, explicou.

## SOLUÇÃO RÁPIDA

Conforme o Delegado da FUNAI, o problema existente na área indígena de Igarapé Lourdes é tão sério quanto o que se registrou no Posto Indígena 7 de Setembro, na década passada:

— Já são 350 colonos identificados, e talvez existam mais 150. O INCRA relatou que a área pertence à FUNAI, aos índios, e que os colonos entraram conscientes disto. No 7 de Setembro elegeram-se uma área para o reassentamento dos colonos. Lá havia boa fé. Quanto mais cedo for solucionado o problema, menor trauma causará aos invasores, mais benéficas eles farão, maior apêgo eles terão. No 7 de Setembro houve uma demora muito grande. Lá viu-se o exemplo de que quanto mais demora, mais se agravam os problemas.

Na questão do Posto Indígena 7 de Setembro, que se prolongou por mais de 6 anos, até que durante o Governo do Coronel Jorge Teixeira se promovesse o reassentamento dos colonos invasores, a ocupação por parte dos colonos foi denunciada a tempo. No entanto, dado à pressão que o fluxo mi-

gratório em demanda de terras exercia sobre o INCRA — os órgãos envolvidos — INCRA e FUNAI, ambos submetidos ao Ministério do Interior, não procuraram uma solução rápida. Somente depois que o Ministro Mário Andreazza assumiu é que se iniciou o trabalho de retirada dos colonos. Estes, já estabelecidos, resistiram por meios judiciais alimentados por interesses políticos. A solução judicial final veio só depois que os indígenas já estavam revoltados e descrentes das possibilidades de ação da FUNAI, Justiça e Polícia Federal.

A demora em se iniciar uma solução, e a ação de cabos eleitorais, terminou fazendo com que os colonos pleiteassem por meios judiciais a posse das áreas invadidas. Quando o Governo do Território iniciou o reassentamento dos invasores com o INCRA e a FUNAI, operação para a qual foi mobilizada força policial devido a resistência, alguns colonos insistiram em permanecer, na expectativa de decisões judiciais em alçadas superiores. A maioria, entretanto, retirou-se pacificamente.

Perante a presença dos que não saíram da área, os indígenas empreenderam uma expedição guerreira da qual resultou a morte de dois colonos. Isto, conforme o testemunho do líder indígena Suruí "Itabira". Depois destas mortes os colonos reticentes foram retirados a força pela Polícia Federal.

Agora os indígenas da região convivem pacificamente com os colonos das linhas próximas. Relacionam-se comercialmente e há amizades pessoais.

## A VOLTA

Para Apoena Meireles, sua volta a Rondônia e à direção da FUNAI na região, é consequência da ascensão de Otávio Ferreira Lima à Presidência do órgão. O atual presidente exercia função administrativa no Ministério do Interior, e antes, fora Superintendente da FUNAI, tendo sido afastado do cargo na mesma época em que Apoena pediu demissão. É o sertanista quem explica:

— Eu já havia dito que quando ele assumisse eu voltaria para a FUNAI. Eu estava como diretor de uma empresa em Cuiabá, a Pneuândia, que pertence a meu sogro. Agora resolvi me licenciar e voltar a colaborar

com a FUNAI. Resolvi fazer uma homenagem a meu amigo José Bel, companheiro de trabalho por muitos anos, que teve morte trágica. Quando cheguei em Rondônia pela primeira vez, foi em 1964, vim com meu pai. Com ele aprendi a trabalhar com os índios. Criando o Parque do Aripuanã, onde vivem os Suruí e os Cinta Largas. Nós fizemos a atração destes grupos indígenas. Sou pessoalmente comprometido com eles. Depois foi o meu pai o primeiro Delegado da FUNAI em Rondônia. Antes ele havia iniciado os contatos com os Pakaás Novas, do Vale do Guaporé. Quando meu pai morreu continuei a trabalhar. Aqui foi feita a atração dos Zoorós e, mais recentemente, dos Uru-Eu-Uau-Uau. Embora tenha problemas como empresário, me preocupo sempre com os problemas dos índios. Agora vim de volta para a FUNAI e pretendo acompanhar dentro da FUNAI toda esta esquematização política, aguardando o ano que vem para ver o que vai surgir em termos de política indigenista. Esta é a única política que me interessa. Cheguei já há alguns dias, embora só tenha assumido agora. Já estive em Guajará Mirim, onde tem uma Ajudância da FUNAI, e na Frente de Atração dos Uru-Eu-Uau-Uau. Achei a situação em Guajará e na Frente, excelente. Na Frente, mantive contatos com os índios, de um grupo já contactado, mas existem outros ainda desconfiados. Com os índios me relaciono sempre muito bem. Com os funcionários também, sou um pouco exigente, acho que você tem que cuidar da coisa pública com um empenho maior do que se ela fosse sua.

— Apoena, é verdade que seu nome é uma homenagem a um índio?

— O meu nome, Apoena, é uma homenagem de Francisco Meireles, meu pai, a um cacique Xavante.

## O ESTADO E OS ÍNDIOS

Informado de que nos planos de desenvolvimento do Estado considera-se as populações indígenas, o atual Delegado da FUNAI mostrou-se satisfeito: — Acho benéfico, e espero que realmente ocorra. Não acho que o problema do índio seja específico da FUNAI, e nem isto está nas leis. É um problema de implicação política interna e externa, bem grande, sabemos disto. Toda colaboração é bem-vinda, inclusive para facilitar a aceleração do processo de integração. Só podemos ficar satisfeitos com esta iniciativa, que na época do Território não se evidenciava claramente em programas de Governo, apesar de sempre ter havido colaboração. Por outro lado, ainda recentemente o Ministro Mário Andreazza, a quem está subordinada a FUNAI, assinou convênios com o Ministério da Educação e o Ministério da Agricultura, voltados para uma maior participação destes órgãos na solução da problemática indígena. É diretriz Federal a participação de órgãos do Governo, em todos os níveis, da solução dos problemas indígenas.